
Verdades inconvenientes: os dilemas dos jornalistas na cobertura dos desafios socioambientais do século XXI¹

Agostinho Vieira²

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Resumo

Nos últimos 50 anos, as emissões de gases de efeito estufa duplicaram e a extração de recursos naturais foi multiplicada por três. No mesmo período, as pautas socioambientais mudavam de enfoque, trocavam natureza, paisagem e aventura por crise ambiental, preocupação e tragédia. Para o Secretário-Geral da ONU, António Guterres, a urgência climática é o desafio multilateral da nossa época, capaz de provocar um impacto que será sentido em todas as atividades humanas. Este artigo analisa como os jornalistas vêm encarando as mudanças na cobertura socioambiental no século XXI, seus obstáculos e desafios. Foram feitas entrevistas em profundidade com 11 profissionais especializados, das cinco regiões do país. Quase todos concordam que a crise que assola as organizações jornalísticas tem prejudicado muito o trabalho, mas discutem também o impacto do negacionismo na cobertura, falam sobre o baixo interesse dos leitores, a busca cada vez mais agressiva dos veículos por cliques e o despreparo de alguns profissionais.

Palavras-chave: paisagens, jornalismo ambiental, desinformação, crise do jornalismo

Introdução

Os primeiros dias de julho de 2023 foram os mais quentes dos últimos 120 mil anos. Na terça-feira, dia 4, a temperatura média global ultrapassou uma marca histórica e chegou a 17,18 graus Celsius³. Três dias antes, no Congresso da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), o jornalista Ernesto Paglia, que trabalhou por 43 anos na TV Globo, apresentava as três reportagens que fez na Groelândia: “A primeira vez foi em 1995, falamos sobre a aventura no gelo, as paisagens deslumbrantes e a emoção de viajar com os caçadores”. Doze anos depois, em 2007, Paglia e a equipe do Globo Repórter voltaram à região: “Nesse ano já não conseguimos mais reproduzir o que havíamos feito antes, uma viagem de 400 km sobre o mar congelado, o gelo estava todo

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023

² Mestrando da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e editor do #Colabora, site especializado na cobertura de sustentabilidade. E-mail: agostinhovieira@projetocolabora.com.br

³ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c6ppdp580e0zo>. Acesso em 8 de jul. de 2023

craquelado”. No início de 2023, o jornalista esteve mais uma vez na Groelândia, agora para fazer um documentário para o canal GloboPlay, nada de paisagens e aventuras:

Ao longo desse período deu para ver, nitidamente, aquilo que os cientistas vêm alertando há muito tempo. O aquecimento global existe, é sério. Grandes massas congeladas estão derretendo numa velocidade nunca vista. Isso significa que o nível do mar vai subir em cidades litorâneas como Santos, Rio de Janeiro, Recife e Natal (Abraji, 2023).

Em maio, dois meses antes do Congresso da Abraji, um novo relatório das Nações Unidas revelava que cerca de 258 milhões de pessoas haviam sofrido de insegurança alimentar ao longo de 2022. Três eram os motivos principais: os persistentes efeitos da Covid-19, conflitos dos mais variados tipos e a crescente crise climática⁴. Como definiu o Secretário-Geral da ONU, António Guterres, a urgência climática é “o desafio multilateral de nossa época”. O impacto será sentido “em todas as áreas da atividade humana” (Há muito..., 2021). Uma questão a ser respondida é: o jornalismo está preparado para cobrir desafios desta magnitude?

Este artigo se propõe a analisar como os jornalistas vêm encarando as mudanças na cobertura socioambiental no século XXI e discutir a hipótese de que a crise da indústria jornalística e o crescimento do negacionismo e da desinformação estariam interferindo no trabalho dos jornalistas especializados na cobertura ambiental. O jornalismo tem sido capaz de traduzir a urgência e a abrangência do momento em que vivemos? Do ponto de vista socioambiental, o jornalista cumpre com o seu papel social de prestar um serviço relevante e mobilizar o público?

Para alcançar este objetivo, foram feitas entrevistas em profundidade (Duarte, 2015) com 11 jornalistas ambientais, das cinco regiões do país, de veículos da mídia tradicional e dos “novos arranjos” jornalísticos (Nonato, Pachi Filho e Figaro, 2018). Todos com larga experiência na cobertura de congressos ambientais em todo o mundo e na produção de reportagens sobre temas como o desmatamento da Amazônia, as mudanças climáticas e a destruição da biodiversidade. Por ora, no entanto, faz-se necessário discutir, através de uma revisão bibliográfica, as mudanças das paisagens na contemporaneidade e dos discursos que sustentam ou mesmo relativizam essa nova e desafiadora realidade.

⁴ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2023/05/03/fome-segue-aumentando-no-mundo-indica-relatorio-da-onu.htm>. Acesso em 8 de jul. de 2023

Das paisagens aos desafios de Gaia

Em junho de 1802, ao final da subida do monte Chimborazo, no Equador, Alexander von Humboldt escreveu ao irmão Wilhelm: “Os índios que nos acompanhavam nos deixaram, alegando que estávamos tentando matá-los. Portanto, ficamos sozinhos, Bonpland, Karl Montufar, eu, e um dos meus servos, que carregou alguns dos meus instrumentos” (Welle, 2019). Em outra carta ao irmão, desta feita quando ainda estava na Venezuela, em 1799, Humboldt descreveria a exuberância da natureza e a beleza dos pássaros, dos peixes e até dos caranguejos: “azul celeste e amarelo”. Passados 200 anos, é raro ouvir alguém ainda falar em “servos”, apesar de eles continuarem existindo. Os indígenas, em sua maioria, foram realmente mortos. Como conta o xamã Yanomami Davi Kopenawa:

No começo, seduzidos pela beleza da floresta, mostraram-se amigos de seus habitantes. Em seguida, começaram a construir casas. Foram abrindo roças cada vez maiores, para cultivar seu alimento, e plantaram capim por toda a parte, para o seu gado. Suas palavras começaram a mudar. Puseram-se a amarrar e a açoitar as gentes da floresta que não seguiam suas palavras. Fizeram-nas morrer de fome e cansaço, forçando-as a trabalhar para eles. Expulsaram-nas de suas casas para se apoderar de suas terras. Envenenaram sua comida, contaminaram-nas com suas epidemias. Mataram-nas com suas espingardas e esfolaram seus cadáveres com facões, como caça (Kapenawa, Albert, 2010, p. 252).

No livro “O Maior Genocídio da História da Humanidade”, Marcelo Grondin e Moema Viezzers estimam em 70 milhões o número de vítimas entre os povos originários, de 1500 a 1900 (Filho, 2019). Já a natureza, nos nove países que compõe a Amazônia, perdeu boa parte daquela exuberância admirada por Humboldt e tantos outros viajantes. Dados do MapBiomas revelam que, entre 1985 e 2021, a perda de vegetação natural na região foi de 75 milhões de hectares (Madeiro, 2022).

É verdade que o mundo mudou muito, mas a imagem de visionário conquistada por Alexander von Humboldt continua a mesma. Para Manuel Corbera Millán, o geógrafo e explorador prussiano segue sendo considerado o primeiro a entender a paisagem, no sentido moderno do termo, e, também, como uma importante referência do pensamento ecologista: “É paradoxal que as concepções de um naturalista que trabalhou entre os séculos XVIII e XIX, e que para muitos era um sábio, por seu conhecimento universalista, possam ter relevância nos dias de hoje e coincidir com formulações atuais no campo da Geografia e da Geologia” (Millán, 2014). Ou, como traduziu Andrea Wulf:

No topo do mundo, olhando para as cordilheiras que se dobravam abaixo dele, Humboldt começou a enxergar o mundo de uma maneira diferente. Viu a terra como um único e imenso organismo vivo, no qual tudo estava conectado, e concebeu uma nova e ousada visão que ainda hoje influencia a forma como compreendemos o mundo natural (Wulf, 2022, p.25).

De James Lovelock (2006) a Bruno Latour (2020), passando por Ailton Krenak (2020) e Viveiros de Castro (2021), são muitos os autores que se aprofundam na Teoria de Gaia, tese que postula que a Terra é uma comunidade única, formada por organismos que se completam e interagem uns com os outros (Lovelock, 2006). Bruno Latour explica que, antigamente, era possível distinguir uma geografia “física” de uma geografia “humana”, como se houvesse duas camadas sobrepostas: “Mas como dizer onde estamos, se esse ‘sobre’ ou esse ‘em que’ nos encontramos passa a reagir a nossas ações? Como distinguir, a partir de agora, a geografia física da geografia humana?” (Latour, 2020, p.53). Para Luz Horne, filósofa e ensaísta, a atual crise planetária não pode ser compreendida se pensarmos exclusivamente em um dos níveis: ambiental, social, sanitário, econômico ou político. “O que os une inextricavelmente é a constância de um ataque às diferentes formas de vida” (Horne, 2021). O filósofo, escritor e líder indígena, Ailton Krenak, é ainda mais direto:

Estamos a tal ponto dopados por essa realidade nefasta de consumo e entretenimento que nos desconectamos do organismo vida da Terra. Com todas as evidências, as geleiras derretendo, os oceanos cheios de lixo, as listas de espécies em extinção aumentando, será que a única maneira de mostrar para os negacionistas que a Terra é um organismo vivo é esquartejá-la? Picá-la em pedaços e mostrar: “Olha, ela é vida”? É de uma estupidez absurda (Krenak, 2020, p. 18).

Impactos do homem sobre a vida na Terra, como os apontados por Krenak, são inúmeros, dramáticos e estão exemplificados no relatório “Sustainable Trade in Resources: Global Material Flows, Circularity and Trade” (UNEP/IRP, 2020): A extração global de recursos naturais estava em 27 bilhões de toneladas em 1970, passou para 92 bilhões em 2017 e deve alcançar 190 bilhões de toneladas em 2060. Cada habitante do planeta consumia, em média, 7 toneladas per capita em 1970, passou para 12 toneladas per capita em 2017 e deve chegar a cerca de 20 toneladas per capita em 2060. Em um artigo síntese, Carl Safina explica que “A agricultura reduziu pela metade o peso da vegetação viva na terra, levando a uma perda de diversidade de 20%. Os animais de criação e os humanos constituem agora 95% de todos os vertebrados terrestres” (Safina, 2021). Já as emissões globais de gases de efeito estufa estavam em 16 bilhões de toneladas

em 1972 e atingiram 37 bilhões em 2022. O ritmo vem se acelerando e, consequentemente, aumentam as temperaturas médias do planeta (Alves, 2023)

As comparações com o início dos anos de 1970 não são gratuitas. Foi nesta época que lideranças mundiais começaram a discutir seriamente os temas ambientais. A Conferência de Estocolmo, em 1972, reuniu 113 países. Temas como poluição, crescimento populacional, exploração dos recursos naturais e a miséria ganhariam uma relevância que nunca tiveram antes (Vieira, 2012). O jornalismo ambiental como especialização temática surgiu na mesma época. Ele começou a se configurar na Europa nos idos de 1960. No final dessa década, surgiu na França a primeira entidade de jornalismo ambiental: a Associação dos Jornalistas-Escritores para a Natureza e a Ecologia, fundada em 1969 por Pierre Pellerin (Belmonte, 2017). No Brasil dos anos 1960, natureza, paisagem e aventura estavam entre as temáticas constantes das revistas ilustradas (Sodré, 1983). É desse período a reportagem que descrevia uma caçada no Mato Grosso, intitulada: “Só faltou a onça”, publicada por José Hamilton Ribeiro na revista Realidade, em novembro de 1967. Anos depois, em 2010, Hamilton Ribeiro reconheceria: “Essa reportagem, hoje, seria impossível. É política e ecologicamente incorreta” (Marão; Ribeiro, 2010, p.103). Em 1968, seria lançado na TV Globo, o programa “Amaral Netto, o Repórter”. Com uma hora de duração nas noites de domingo, tinha forte tom de aventura e exaltação dos temas abordados, afinado com o ideal de “Brasil grande” dos governos militares. Os assuntos iam da pesca da baleia no litoral do Rio Grande do Norte aos pelotões de fronteira na “selva” Amazônica (Amaral..., 2021).

Como notou Ernesto Paglia, as pautas de natureza e aventura dominaram o noticiário por mais alguns anos, até que os alertas sobre a urgência climática começaram a soar mais alto. Em 1988 foi fundado o Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC), que criou as bases para a realização da Rio-92, o maior evento ambiental já realizado no mundo (Bernardo, 2022). Os painéis da ONU sobre clima e biodiversidade, juntamente com o impacto de tragédias como o desastre industrial de Bhopal, em 1984, o acidente nuclear de Chernobil, em 1986, e o vazamento de óleo na Baía de Guanabara, em 2000, marcaram as coberturas da época. Mais recentemente, em 2015, dois eventos importantes ajudaram a incluir mais fortemente as questões socioambientais na rotina das redações. O primeiro foi o Acordo de Paris, que limita o aquecimento global a 1,5° Celsius. O segundo, a aprovação dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, na ONU. Um conjunto de metas que deverá ou deveria ser

cumprido até 2030, incluindo temas como a erradicação da fome (ODS 1), o acesso à saúde e educação de qualidade (ODS 3 e 4) e a preservação das florestas (ODS 15)⁵. A Agenda 2030, no entanto, incluiu um desafio adicional na vida do jornalista, a necessidade, agora mais premente, de incorporar uma visão sistêmica ao trabalho:

Assim, o cidadão poderá conectar a atitude individual com a responsabilidade coletiva, desde a ação de deixar a torneira aberta enquanto escova os dentes, com a escassez de água. Ou então, a construção de uma barragem, com o desaparecimento de determinadas espécies vegetais ou animais, e a repercussão disso no equilíbrio do ecossistema (Girardi e Schwaab, 2008, p.16).

Porém, enquanto o enfoque das pautas socioambientais trocava paisagens e aventura por preocupação e tragédia, se agravava a crise do jornalismo, com redução de audiência, fuga de anunciantes e cortes nas redações (Anderson; Bell; Shirky, 2013). A era da “pós-verdade” e da desinformação tornaram o cenário ainda mais complexo, com teses que negam a urgência climática, o desmatamento da Amazônia e do Cerrado e tentam provar que a Terra, na verdade, nem seria redonda. A filósofa Alyne de Castro Costa alerta para uma aparente contradição entre verdade, ciência e política. Por um lado, segundo ela, há a necessidade de reconhecer como legítimas as “verdades dos outros”, isto é, as diversas maneiras por meio das quais povos originários expressam seu pertencimento ao mundo. Por outro, não devemos aceitar a verdade que certos outros reivindicam: “Refiro-me aos negacionistas climáticos, os quais, a despeito das evidências do caráter antropogênico, negam veementemente o problema, confundindo a opinião pública e obstruindo a ação política que ajudaria a frear os seus efeitos” (COSTA, 2021). No Brasil, as mentiras sobre o meio ambiente figuraram como o terceiro grupo de temas sobre os quais o ex-presidente Jair Bolsonaro mais deu declarações falsas, atrás apenas da pandemia de Covid-19 e da economia (Barsotti, 2023).

Metodologia

Uma das hipóteses deste artigo é a de que jornalistas especializados na cobertura ambiental, com larga experiência no tema, têm consciência dos desafios socioambientais do século XXI. Muitos deles, a exemplo do que aconteceu com Ernesto Paglia nas viagens à Groelândia, vivenciaram as mudanças na cobertura. No entanto, os desafios não estariam se limitando ao impacto do homem sobre a vida na Terra. O objetivo é investigar também se a crise da indústria jornalística, o crescimento da desinformação e do

⁵ Para a lista completa dos 17 ODS, ver <<https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>>. Acesso em 27 set. 2022.

negacionismo estariam se transformando em obstáculos para uma cobertura mais acurada, intensa e editorialmente destacada.

Para alcançar esta meta, foram realizadas entrevistas em profundidade com 11 jornalistas ambientais, das cinco regiões do país, de veículos da mídia tradicional e dos “novos arranjos” jornalísticos (Nonato, Pachi Filho e Figaro, 2018), conforme listagem apresentada na tabela 1. As entrevistas foram realizadas por meio de videochamadas no Google Meet ou por telefone. A metodologia utilizada foi a das entrevistas semiabertas, com um roteiro de perguntas comum aos entrevistados (tabela 2) – de modo a ser possível a comparação entre as respostas – e perguntas específicas, à medida que transcorriam as entrevistas e que o pesquisador sentia a necessidade de aprofundar algum tema ou aspecto (Duarte, 2015). As entrevistas não foram protegidas por anonimato porque os entrevistados fizeram questão de posicionar-se a respeito dos temas publicamente.

Tabela 1: Relação dos jornalistas ambientais entrevistados

Nome	Vínculo	Região	Breve Perfil
Ana Lúcia Azevedo	<i>O Globo</i>	Sudeste	Repórter especial do jornal <i>O GLOBO</i> , onde trabalha há 34 anos. Vencedora do Prêmio José Reis de Divulgação Científica e do Prêmio Esso de Jornalismo.
Claudia Gaigher	Freelancer	Centro-Oeste	Jornalista e escritora, é especialista na cobertura do Pantanal. Trabalhou 25 anos na <i>TV Globo</i> .
Claudio Ângelo	<i>Observatório do Clima</i>	Centro-Oeste	Jornalista e escritor, é Coordenador de Comunicação do Observatório do Clima. Foi editor de Meio Ambiente da <i>Folha de S. Paulo</i> por 12 anos.
Daniela Chiaretti	<i>Valor</i>	Sudeste	É repórter especial do <i>Valor</i> desde 2005. Vencedora do Prêmio Esso de Jornalismo.
Giovana Girardi	Agência Pública	Sudeste	Chefe da cobertura socioambiental da Agência Pública. Foi repórter especial do <i>Estadão</i> e da <i>Folha de S. Paulo</i> .
José Hamilton Ribeiro	Jornalista aposentado	Sudeste	Jornalista e escritor com mais de 50 anos

			de experiência. Foi editor da Realidade, na Editora Abril. Na TV Globo, trabalhou no Globo Repórter, no Globo Rural e no Fantástico.
Lúcio Flávio Pinto	Amazônia Real	Norte	Professor, jornalista e sociólogo. É o único brasileiro na lista dos 100 mais importantes jornalistas da ONG Repórteres sem Fronteiras.
Maristela Crispim	Eco Nordeste	Nordeste	Fundadora do Eco Nordeste, foi repórter especial, colunista e editora do <i>Diário do Nordeste</i> . Venceu três vezes o Prêmio Esso de Jornalismo.
Marta Salomon	Freelancer da Revista Piauí	Centro-Oeste	Foi repórter especial da <i>Folha de S. Paulo</i> e do <i>Estadão</i> . É doutora em Desenvolvimento Sustentável pela UNB.
Roberto Villar	Centro Universitário Ritter dos Reis	Sul	Foi repórter especial de meio ambiente da Rádio Gaúcha por 9 anos. Hoje é doutor em Comunicação pela UFRS
Stefano Wroblewski	InfoAmazonia	Norte	Jornalista ambiental especializado em jornalismo de dados. Diretor do InfoAmazonia

Tabela 2: Perguntas feitas para os jornalistas

1 - O que mudou na cobertura ambiental desde que você começou a trabalhar com esse tema?
2 - Em 2013, o <i>The New York Times</i> anunciou o fechamento da sua editoria de meio ambiente e a redistribuição dos profissionais da equipe (dois editores e sete repórteres) pelo jornal. O argumento do editor era de que as pautas ambientais fazem parte do mundo dos negócios, da economia, dos assuntos nacionais e locais. E que seria preciso ter pessoas trabalhando em diferentes editorias para cobrir os diferentes lados dessas histórias. Você concorda com esse raciocínio? Como funciona no seu veículo?
3 - Em que medida, na sua opinião, a crise da indústria jornalística interferiu ou interfere na cobertura socioambiental. Faltam recursos humanos e financeiros para fazer o trabalho?
4 - Qual tem sido o impacto do crescimento do negacionismo nessa cobertura?
5 - Nos últimos anos, jornais como a <i>Folha</i> , o <i>Estadão</i> e <i>O Globo</i> reduziram os espaços dedicados ao Meio Ambiente e descontinuaram produtos, como o <i>Razão Social</i> e o <i>Planeta Terra</i> , no caso de <i>O Globo</i> . Estas seriam decisões editoriais, econômicas ou as duas coisas?
6 - Na sua opinião, como está sendo a cobertura da imprensa brasileira sobre a Agenda 2030?

7 - Você acha que o veículo onde você trabalha consegue ter uma visão sistêmica da questão socioambiental representada pelos ODS?
8 – Uma pesquisa do Reuters Institute (Newman, 2023) com editores do mundo todo mostrou que metade diz que vai investir mais na cobertura climática, 30% prometem contratar mais jornalistas e 40% dizem que vão treinar pessoas de outras editorias para fazer o trabalho. Na sua opinião, como deveria ser a cobertura de temas socioambientais no Brasil? Seu veículo faz ou planeja fazer parcerias com veículos de mídia independentes e especializados?
OBS: Antes do início das entrevistas, todos os jornalistas descreveram brevemente as suas trajetórias profissionais

Verdades inconvenientes

Além de responder às oito questões formuladas, os 11 entrevistados falaram sobre outros temas, como audiência, cobertura da Amazônia e a formação dos profissionais. Quase todos concordam que a crise que assola as organizações jornalísticas nos últimos 20 anos vem prejudicando o trabalho. Ana Lucia Azevedo considera que o jornalismo ambiental teve o seu auge no início dos anos de 1990: “Começou com a Rio-92 e foi até a virada do século. Depois baixou a régua. O nível de profundidade e de qualidade caiu muito. Tem a ver com menos gente, menos recursos e mais coisas para fazer”⁶. José Hamilton Ribeiro segue na mesma linha: “Uma boa reportagem na Amazônia ou no Pantanal custa dinheiro, é preciso planejar com calma, ficar vários dias. E o empresário de imprensa no Brasil nunca foi muito generoso, ele é meio ‘muquirana’”⁷.

Lucio Flávio Pinto, que está radicado na Amazônia, também fez ponderações sobre a cobertura da região: “É impossível conhecer a Amazônia sendo uma especialista ocasional, vindo só de vez em quando. A Amazônia é tão vasta que tem regiões que ninguém conhece, ninguém cobre”⁸. Já Daniela Chiaretti, repórter especial do *Valor*, vai por outro caminho:

Existe uma crise sim, mas acho um equívoco ficar reclamando que somos poucos. Nós sempre seremos poucos jornalistas especializados. Esse não é o ponto. O ponto é que todo o jornalista, de qualquer editoria, precisa olhar suas pautas através de uma lente socioambiental. Cumprir a nossa obrigação é tornar essa discussão mais simples⁹.

Essa transversalidade defendida por Chiaretti foi objeto de uma decisão, em 2013, do *The New York Times*. Naquela ocasião, o jornal americano anunciou o fechamento da sua editoria de meio ambiente e a redistribuição dos profissionais (dois editores e sete repórteres) por outros setores na redação (Inside Climate News, 2013). O editor

⁶ Em entrevista ao autor no dia 27 de junho de 2023 por videochamada

⁷ Em entrevista ao autor no dia 11 de julho de 2023 por videochamada

⁸ Em entrevista ao autor no dia 29 de junho de 2023 por telefone

⁹ Em entrevista ao autor no dia 7 de julho de 2023 por videochamada.

responsável, Dean Baquet, justificou a decisão: “Hoje, as pautas ambientais fazem parte do mundo dos negócios, dos assuntos nacionais ou locais. São temas complexos. Precisamos ter pessoas em diferentes editorias que possam cobrir os diferentes lados dessa pauta”. Uma pesquisa recém-divulgada pelo Reuters Institute, com editores do mundo todo, mostrou que 50% têm intenção de investir mais na cobertura climática, 30% prometem contratar mais jornalistas e 40% dizem que vão treinar pessoas de outras editorias para fazer o trabalho (Newman, 2023).

No Brasil, jornais como *O Estado de S.Paulo*, a *Folha de S.Paulo* e *O Globo* também acabaram com as suas editorias de meio ambiente, mas, talvez, por razões diferentes. Em *O Globo*, cadernos como o Planeta Terra e o Razão Social deixaram de existir, repórteres especializados foram trabalhar em empresas ou ONGs. Recentemente, os três jornais voltaram a destacar a cobertura socioambiental, só que, desta vez, com um foco comercial. Incentivadas pelo conceito ESG, do inglês “Environmental, Social and Governance”, empresas têm se mostrado mais propensas a ligar suas marcas ao tema ambiental, o que justifica o patrocínio de espaços como o Planeta em Transe, da Folha, apoiado pela Fundação Open Society, e a editoria de Mudanças Climáticas, do Estadão, que conta com o incentivo do “Rolex, Soluções Ambientais”. As Organizações Globo criaram um espaço chamado Um só planeta, que conta com o apoio de diversas grandes empresas (Planeta, 2021). Nelson Traquina registra que foi no século XIX que se definiram os dois polos dominantes do campo jornalístico moderno: o “econômico” ou “comercial”, com as notícias sendo transformadas em “mercadoria de um negócio cada vez mais lucrativo” e o “ideológico” ou “intelectual”, que identifica a imprensa “como um serviço público em que as notícias são o alimento de que os cidadãos precisam para exercer seus direitos democráticos” (Traquina, 2005, p. 125- 126). Em que polo estariam estas mudanças? Elas responderiam à necessidade de uma cobertura ambiental sistemática ou dizem respeito, apenas, às estratégias comerciais dos veículos?

Pelo visto, a primeira hipótese deste artigo parece mesmo fazer sentido. Pode-se discutir o tamanho do impacto, mas, sem dúvida, a crise da indústria jornalística vem interferindo nas coberturas socioambientais. Mas qual seria a interferência do negacionismo e da desinformação no trabalho desses profissionais? Claudio Angelo, que foi editor de Meio Ambiente da *Folha de S.Paulo* por 12 anos, tem uma tese curiosa. Ele acredita que o negacionismo ambiental incentivado pelo governo Bolsonaro, acabou, de certa forma, ajudando a intensificar a cobertura: “Como o Bolsonaro tinha sempre uma

barbaridade diferente para dizer, os jornais botaram mais gente para cobrir e investigar, era crime organizado, grileiro, garimpeiro, madeireiro...”¹⁰. Roberto Villar, que foi repórter ambiental da Rádio Gaúcha, concorda com ele: “Do meu ponto de vista, e vale fazer aqui um alerta de ironia, acho que o Bolsonaro foi um dos maiores educadores ambientais deste país. Ele fez tanta barbaridade que conseguiu pautar todo mundo”¹¹.

Para Giovana Girardi, da Agência Pública, o caso do negacionismo no governo Bolsonaro tem dois lados, nem sempre engraçados. Segunda ela, poucas vezes na história tantos brasileiros souberam o nome do Ministro do Meio Ambiente: “Quase todo mundo conhecia o Ricardo Salles e sabia da história da boiada”. Por outro lado, continua: “Houve um aumento da máquina de desinformação. Tivemos mais matérias de desmatamento e queimadas, é verdade. Mas, enquanto isso, a maquininha de desinformação falava que a culpa era do indígena, do pequeno produtor”¹².

Mas os percalços dos jornalistas ambientais não se limitam à crise da indústria e ao crescimento do negacionismo. Entre os achados deste artigo estão também algumas verdades inconvenientes, apontadas pelos entrevistados, como o baixo interesse dos leitores no tema, a indústria dos cliques que assola as redações e a formação dos profissionais. Marta Salomon, da Revista Piauí, acredita que há um desinteresse sim dos leitores, mas há também uma busca maior dos veículos por audiência: “Os jornais acham que esse tipo de matéria não dá Ibope. O que funciona, para eles, é o jornalismo de furo, denúncia de corrupção, sobretudo quando rende uma série. O que não acontece mesmo quando você faz uma puta matéria ambiental”¹³. Para Ana Lúcia Azevedo, de *O Globo*, a cobertura socioambiental nos últimos anos degradingolou:

Acho que tem a ver com a crise da indústria, com a falta de dinheiro, mas o fenômeno é mais sério do que isso. De certa forma a sociedade também degradingolou. E o pior é que quando alguém publica uma bobagem, e as bobagens costumam ser chamativas, vai todo mundo copiando, sem pensar. Isso tem a ver com a diminuição do jornalismo de apuração, da reportagem de campo, com a falta de profundidade. Mas tem a ver também com a demanda do público. Porque se houvesse uma demanda, com toda a crise, a indústria daria um jeito de oferecer o produto. Só que não é isso que está acontecendo¹⁴.

¹⁰ Em entrevista ao autor no dia 28 de junho de 2023 por videochamada

¹¹ Em entrevista ao autor no dia 24 de julho de 2023 por videochamada

¹² Em entrevista ao autor no dia 6 de julho de 2023 por videochamada

¹³ Em entrevista ao autor no dia 10 de julho de 2023 por videochamada

¹⁴ Em entrevista ao autor no dia 27 de junho de 2023 por videochamada

Claudia Gaigher, especialista em Pantanal, tem uma visão um pouco diferente. Para ela, o jornalista não pode se conformar com o desinteresse do público, do editor ou do dono do veículo: “Para falar de meio ambiente no Brasil, primeiro você precisa emocionar quem está te assistindo. Os brasileiros se envolveram na defesa do Pantanal nos incêndios de 2020 porque viram os bichinhos morrendo queimados. Meio ambiente não dá Ibope? Depende. Depende de como você conta a sua história”¹⁵. Stefano Wroblewski, do InfoAmazonia, acha que o jornalista ambiental precisa se preparar melhor para essa batalha: “No fundo, todos nós estamos disputando o tempo das pessoas. Elas podem ficar uma hora felizes vendo vídeos de gatinhos no Instagram ou podem se informar sobre temas mais espinhosos. Precisamos aprender a contar melhor essas histórias”¹⁶. Maristela Crispim, do Eco Nordeste, explica que, certa vez, participou de um evento no Rio Grande do Norte com 80 jornalistas nordestinos. Antes do início alguém perguntou quantos tinham visto de perto uma cisterna de placas, comum na região. Só dois levantaram a mão: “Aí você percebe como as pessoas estão deixando de circular para fazer jornalismo de qualidade, contar boas histórias e parar de reproduzir estereótipos, a retratar o Nordeste como a imagem de um lugar que só tem cactos ou belas praias”¹⁷.

Considerações finais

Quando a jornalista capixaba Claudia Gaigher, então na TV Globo, chegou pela primeira vez ao Pantanal, em 1998, lembrou do pai. Durante sua infância, em Cachoeiro do Itapemirim, ela cansara de ouvir histórias sobre o rio Taquari, no Mato Grosso do Sul, o lugar onde pescava com os amigos nos anos 1950. Um paraíso repleto de peixes, como nenhum outro que jamais vira. A realidade, no entanto, quase 50 anos depois, era bem diferente. A primeira reportagem de Claudia na região saiu no Jornal Nacional e, infelizmente, falava sobre a tragédia do Taquari, um rio poluído e quase sem peixes.

Os desafios socioambientais da contemporaneidade são enormes, gigantescos. As paisagens mudaram e os discursos também. Não faltam números e nem histórias para comprovar, inclusive dos jornalistas ouvidos para este artigo. O rio da infância e dos sonhos de Claudia Gaigher foi destruído, assim como as aventuras no gelo da Groelândia das reportagens de Ernesto Paglia. José Hamilton Ribeiro reconhece que a pauta de

¹⁵ Em entrevista ao autor no dia 10 de julho de 2023 por videochamada

¹⁶ Em entrevista ao autor no dia 7 de julho de 2023 por videochamada

¹⁷ Em entrevista ao autor no dia 6 de julho de 2023 por videochamada

aventura sobre a caça da onça no Pantanal, planejada em 1967, pertence a outra época, não volta mais. Neste início de século XXI ela não teria mais cabimento.

Mas não foram só as paisagens que mudaram. A hipótese inicial apontava a crise da indústria jornalística e o negacionismo como empecilhos para uma cobertura socioambiental mais qualificada e mais relevante. O trabalho mostrou outros aspectos igualmente relevantes e preocupantes: o baixo interesse dos leitores, a busca cada vez mais agressiva dos veículos por cliques e o despreparo de alguns profissionais. A crise da indústria fica clara, inclusive, na trajetória dos profissionais entrevistados. Claudio Ângelo, que foi um premiado editor da *Folha de S.Paulo*, agora trabalha no Observatório do Clima. Marta Salomon (*Folha de S.Paulo*) e Roberto Villar (Rádio Gaúcha) trocaram a redação pela Academia. Giovana Girardi, referência no setor, deixou o Estadão e hoje está na Agência Pública. Maristela Crispim trocou o Diário do Nordeste pelo site Eco Nordeste. Aliás, essa é outra conclusão do artigo: como reconhecem alguns dos entrevistados, os “novos arranjos” jornalísticos (Nonato, Pachi Filho e Figaro, 2018) vêm ocupando um espaço de destaque na cobertura socioambiental.

Já a tão necessária visão holística da realidade e a cobertura transversal, pregada pelo *The New York Times* e defendida por autores como Girardi e Schwaab (2008), não aconteceu. Os 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) não entraram realmente na pauta das redações. Para alguns entrevistados, os ODS são confusos, se misturam com a burocracia da ONU e carecem de metas concretas. Seriam uma espécie de sopa de letrinhas, salgada demais para ser digerida por leitores cansados de notícias ruins. Enquanto isso, os veículos seguem mais preocupados em pagar as suas contas e garantir um volume maior de cliques nas suas matérias, sejam quais forem. Temas importantes, que podem e devem ser explorados em novos artigos.

Referências

ABRAJI, Congresso, 2023. **Masterpapo com Ernesto Paglia**. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=fWkymrOw8nI>>. Acesso em 16 jul. 2023.

ALVES, J.E. Dia do Meio Ambiente: Brasil já desmatou 90% da Mata Atlântica, 50% do Cerrado e mais de 20% da Amazônia. **#Colabora**. Disponível em <<https://projetocolabora.com.br/ods12/dia-do-meio-ambiente-brasil-ja-desmatou-90-da-mata-atlantica-50-do-cerrado-e-mais-de-20-da-amazonia/>>. Acesso em 3 ago. 2023

AMARAL Netto, o repórter. **Memória Globo**, 29 out. 2021. Disponível em: <<https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/amaral-netto-o-reporter/noticia/amaral-netto-o-reporter.ghtml>>. Acesso em 8 jul. 2023.

ANDERSON, C. W.; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. Jornalismo pós-industrial: Adaptação aos Novos Tempos. **Revista de Jornalismo ESPM**. n° 5, ano 2. São Paulo: ESPM, 2013. p. 30 - 89.

ARAÚJO, L; SILVA, A. T. **Jatarishun: revoltas indígenas camponesas do Equador e Bem Viver**. Caderno CRH 35, 2022 UFBA

BAGLEY, K. **Inside Climate News**, jan. 2013. Disponível em <<http://insideclimatenews.org/news/20130111/new-york-times-dismantles-environmental-desk-journalism-fracking-climate-change-science-global-warming-economy>>. Acesso em 8 jul. 2023.

BARSOTTI, A. As mentiras de Bolsonaro e o jornalismo declaratório: como a imprensa contribuiu para ampliar a desinformação sobre o meio ambiente. **Revista Eco-Pós**, v. 26, n. 01, p. 79–104, 2023. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/28026. Acesso em: 7 ago. 2023.

BELMONTE, R. V. Uma breve história do jornalismo ambiental brasileiro. **Revista Brasileira de História da Mídia**, v.6, n° 2, 2017. Disponível em <<https://revistas.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/6656/3817>>. Acesso em 8 jul. 2023.

BERNARDO, A. 30 anos da Rio-92: o legado da 'maior conferência ecológica de todos os tempos'. **BBC News Brasil**, 11 jun. 2022. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-61752243>>. Acesso em 3 ago. 2023

COSTA, A. **Da verdade inconveniente à suficiente: cosmopolíticas do antropoceno**. Revista Eletrônica de Filosofia. Vol. 18, n° 1 – jan-jun, 2021, p. 37-49

DUARTE, J. Entrevista em profundidade. In: _____ e BARROS, A. (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2015, p. 62-83.

FILHO, P. C. Maior genocídio da Humanidade foi feito por europeus nas Américas: 70 milhões morreram. **Diálogos do Sul**, 31 mai. 2019. Disponível em <<https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/direitos-humanos/58765/maior-genocidio-da-humanidade-foi-feito-por-europeus-nas-americas-70-milhoes-morreram>>. Acesso em 8 de jul. 2023

GIRARDI, Ilza; Schwaab, Reges. As razões de um conceito. In: **Jornalismo Ambiental: desafios e reflexões**. Rio Grande do Sul: Editora Dom Quixote, 2008

HÁ MUITO por fazer contra riscos da crise climática para paz e segurança, diz ONU. **ONU News**, 23 fev. 2021. Disponível em <https://news.un.org/pt/story/2021/02/1742352?fbclid=IwAR0bWddaqmNmSRVeOSoqjTG9o2QWufx7jew46DsAVUjI6R4l-h8_gCfL1e0>. Acesso em 8 jul. 2023.

HORNE, L. **Futuros Menores: Filosofias del tempo y arquitecturas del mundo desde Brasil**. Buenos Aires: Universidade Alberto Hurtado, 2022.

KAPENAWA, D.; ALBERT, B. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Editora Schwarcz, 2010

KRENAK, A. **A vida não é útil**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2020.

LATOURE, B. **Onde Aterrorar? – Como se orientar politicamente no Antropoceno**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Bazar do Tempo, 2020.

- LOVELOCK, J. **A vingança de Gaia**. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2006.
- MADEIRO, C. Com 62% da floresta Brasil responde por 80% de todo o desmate da Amazônia. **UOL**, 8 dez. 2022. Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/colunas/carlos-madeiro/2022/12/08/com-62-da-floresta-brasil-responde-por-80-de-desmatamento-da-amazonia.htm>>. Acesso em 11 jul. 2023.
- MARÃO, J.C.; RIBEIRO, J.H. **Realidade: a história e as melhores matérias da revista que marcou o jornalismo e influenciou as mudanças no país**. Santos: Realejo Edições, 2010.
- MILLÁN, M.C. **Ciencia, Naturaleza y Paisaje en Alexander**. Boletín de la Asociación de Geógrafos Españoles N.º 64 – 2014, págs. 37-64.
- NEWMAN, N. Journalism, Media, and Technology Trends and Predictions. **Digital News Project**. Jan 2023. Disponível em <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2023-01/Journalism_media_and_technology_trends_and_predictions_2023.pdf>. Acesso em 3 ago. 2023
- NONATO, C, PACHI FILHO, F. F. & FIGARO, R. Relações de comunicação em novos arranjos alternativos e modelos de produção da notícia. **Libero**, 41, v.1, 2018, p. 101-115. Disponível em <<https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/956/965>>. Acesso em 5 mar 2023.
- PLANETA, Um só. Disponível em <<https://umsoplaneta.globo.com/>>. Acesso em 3 ago 2023
- SAFINA, C. **Avoiding a ‘Ghastly Future’: Hard Truths on the State of the Planet**, *Yale e360*, 27/01/2021. Disponível em <https://e360.yale.edu/features/avoiding-a-ghastly-future-hard-truths-on-the-state-of-the-planet>. Acesso em 3 ago 2023
- SODRÉ, M. **A comunicação do grotesco: um ensaio sobre a cultura de massa no Brasil**. 11ª edição. Petrópolis: Vozes, 1988.
- TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo volume I: Por que as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2005
- Unep and IRP. **Sustainable Trade in Resources: Global Material Flows, Circularity and Trade**. United Nations Environment Programme. Nairobi, Kenya, 2020. Disponível em <<https://wedocs.unep.org/bitstream/handle/20.500.11822/34344/STR.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 9 jul 2023
- VIEIRA, A.C. Da Comunicação Sustentável à sustentabilidade da comunicação. In: ALMEIDA, Fernando (Org.). **Desenvolvimento Sustentável 2021-2050**. Rio de Janeiro: Editora Elsevier, 2012, p. 65-78
- VIVEIROS DE CASTRO, E. **Metafísicas Canibais**. 2ª Edição. São Paulo: Ubu Editora, 2021.
- WELLE, D. Como Humboldt pôs a América latina no mapa da ciência. **Carta Capital**, 30 mar. 2019. Disponível em <<https://www.cartacapital.com.br/cultura/como-humboldt-pos-a-america-latina-no-mapa-da-ciencia>>. Acesso em 10 jul. 2023
- WULF, A. **A invenção da Natureza: A vida e as descobertas de Alexander von Humboldt**. 2ª Edição. São Paulo: Editora Planeta, 2016.